

## PERCEBER É ESQUECER O NOME DAS COISAS: BARTHES E A IMAGEM FOTOGRÁFICA

Juan C. S. Aramayo  
Ohio State University – USA  
UFMG

**Resumo:** Robert Irwin (artista plástico), ao filosofar sobre sua admiração do ato da percepção e Roland Barthes, ao se debruçar sobre algumas fotografias (aquelas que lhe interessam como pessoa e não como sujeito falado pela teoria), apontam possibilidades de ver, sentir e perceber o prazer da descoberta do real e da imagem fotográfica.

### 1. Perceber é esquecer o nome das coisas

“Tudo o que tento fazer é que as pessoas voltem a evocar a admiração de serem capazes de perceber”, essas palavras, que bem poderiam ser de Roland Barthes em suas várias incursões (plenas de magníficas percepções), pertencem a Robert Irwin, considerado um dos mais influentes artistas californianos da década de 70, embora pouco conhecido. Essa frase aparece citada na parte final de sua biografia, cujo título é uma adaptação de uma frase de Paul Valery: “olhar é esquecer o nome das coisas que vemos”.<sup>1</sup>

Essas palavras poderiam ser interpretadas como reforçadoras da dicotomia entre o verbal e a imagem - hoje revista e já ultrapassada - ou como parte de um processo *zen* de captação do presente e do que está sendo olhado. Um convite para olhar, simplesmente olhar... E deixar que a percepção, com toda a sua riqueza, invada o ser, maravilhado de poder voltar a sentir o encantamento das presenças que voltam e dos rastros que sempre estiveram presentes.

O encantamento e a admiração têm, na curiosidade, o impulso inicial à procura pelo novo, mesmo no cinza do cotidiano ou no prazer gasto do *dejà vu*. Uma curiosidade desprovida de preconceitos que, de tão pura em seu deleite, chega a ser quase infantil, quase ingênua. O

---

<sup>1</sup> “To see is to forget the name of the things one sees”.

exercício cotidiano de alguns artistas visuais teve como fontes os percursos perceptivos das teorias fenomenológicas. Em seus trabalhos ecoam as vozes silenciosas do *Zen*.

A importância que Irwin dá à ação perceptiva do assombro e do pasmo é tanta que, ao receber o título de *doctor honoris causa* no San Francisco Art Institute, disse singelamente, em seu discurso de agradecimento: “Tudo que gostaria de dizer... é que ainda existe o êxtase”.<sup>2</sup> O discurso, um dos mais curtos proferidos naquele instituto, contém um convite implícito ao olhar da descoberta, uma descoberta carregada de assombro e ancorada no encantamento sobre algo (não importando se *imago* ou real) que, pelo fato de simplesmente existir, se insinua para ser olhado. Um convite para simplesmente ver e esquecer o que se sabe e o que não se sabe mais. Um convite do fazedor-de-imagens californiano que, ao abandonar paulatinamente o seu estúdio e sua arte abstrata, passa a fazer intervenções onde interagem a percepção da materialidade e conceitos filosóficos, incitando as pessoas a perceberem com um outro olhar o cotidiano e sua visualidade.

## **2. Janelas e espelhos**

Quando o homem se permite ver, seu olhar descobre. Ao descobrir, percebe as sombras e as cores, e também o detalhe escondido que revela a presença do tempo e o traço do homem. Rastros presentes como pegadas de um longo caminhar, que um dia poderão retornar em narrativas imagéticas, com seus tempos e espaços alterados, refazendo os percursos e os rastros quase-esquecidos.

No *click* da máquina fotográfica, narrativas abrem - por uma fração de segundos - uma janela para o mundo, ao juntar espaços e tempos alheios e congelar movimentos. Mas o homem fazedor de imagens, em sua procura do prazer da descoberta, busca algo mais do que o

---

<sup>2</sup> “The wonder is still there”. Admiração, enlevo, encantamento e assombro são outras traduções possíveis.

enquadramento de uma janela e realiza experimentações, buscando novas formas de contar histórias, de criar ficções, de mostrar sua admiração pessoal e seu encantamento. Busca como usar o *click* mecânico da tecnologia para subverter o signo fotográfico. Busca expandir o leque de produção das imagens técnicas, tendo como pólos a imagem-janela de um lado e a imagem-espelho do outro.<sup>3</sup>

### **3. O *studium* e o *punctum***

Barthes, na década de 70, se vê confrontado com esse imenso leque de produções visuais captadas numa caixa preta, tecnologicamente preparada para congelar ou alongar o tempo, para dar nitidez ou embaçar o espaço, para aumentar ou diminuir o contraste das imagens. Espírito crítico, envolvido com cada momento cultural, Barthes desenvolve um estudo onde apresenta um traço diferencial na sua trajetória de estudioso de linguagens e signos, fruto talvez de um desejo escondido: esquecer por um momento as vozes das teorias e poder falar das imagens fotográficas, daquelas que existem para *ele*. Ao se afastar da teoria, momentaneamente, e ao se deixar levar pelas imagens dispersas e espalhadas na mesa (fotografias da mãe, recentemente falecida), faz teoria. Uma fala teórica como ele sempre soube fazer: despojada e atenta ao encanto e à fruição. Nesta nova empreitada semiótico-visual, separa as imagens que falam mais à sua sensibilidade, à sua afeição e ao seu assombro daquelas que, mesmo tendo um grande valor como memória, serão objeto de um outro olhar.

Uma divisão aparentemente didática orienta a escrita sobre seu objeto (a fotografia), permitindo que ele fale também sobre seu desejo de fazer uma análise livre de amarras e de metodologias. Uma sutil dicotomização que mostra, talvez, a necessidade de sintetizar as experiências do Barthes de *Elementos de Semiologia*, estruturado e definidor, e do Barthes de

---

<sup>3</sup> “Mirror and Windows”: proposta do crítico de fotografia John Szwarkoski.

uma *Paris pós-68*. Um questionamento vivo entre o prazer do olhar (vejo, sinto) e a observação (vejo, analiso, teorizo). Uma polarização do processo perceptivo que o obriga a buscar novas palavras definidoras para sua nomeação: o *punctum* e o *studium*.

O *punctum* como encantamento frente ao detalhe que surge repentinamente, inesperadamente, tomando o *Spectator* de surpresa. Algo que dói de tão agudo e penetrante, como se o observador tivesse recebido um golpe, uma pontada. Imagens e detalhes que, como em camadas de colagens que se desgrudam ou como em palimpsestos que voltam ao seu início, vão surgindo ao olhar despojado, aberto e perceptivo, sussurrando algo que somente um único indivíduo poderá ouvir e entender. Um *punctum*, simplesmente.

Barthes não esquece do outro tipo de olhar, mais analítico e, portanto, mais cultural. Ao falar de algumas fotografias, afirma que é o *studium* como processo de observação que possibilita sua nomeação, sua conceituação. Essas fotografias exigem a observação e a contextualização como elementos de interpretação. Um tipo de fotografia que fala: olhar é nomear.

Robert Irwin, ao refletir sobre a percepção e ao produzir trabalhos visuais e instalações e Roland Barthes, ao se debruçar sobre algumas fotografias que lhe interessam como indivíduo e ao fazer teoria sobre elas, sinalizaram, cada um a sua maneira, novas maneiras de ver, sentir e perceber o prazer da descoberta do real e da imagem.

## **Bibliografia**

BARTHES Roland, *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

WESCHELER, Lawrence. *Seeing is forgetting the name of the things one sees: a life of contemporary artist Robert Irwin*. Berkeley: University of California Press, 1982.